JFT 8.5.8.1.36

Biblioteca Centro de Memoria - UNICAMP

CMUHE033943

CAMPINAS: 206 anos de curiosa história. Jornal de Domingo, Campinas, 13 jul., 1980.

CAMPINAS: 206 anos de curiosa história

Como todas as cidades do Brasil e do mundo, Campinas também tem sua parcela de história a contar. Algumas cômicas, outras dramáticas, algumas políticas, outras sociais. Algumas que fazem ainda hoje o orgulho da população, outras que se desejam ver esquecidas. Campinas de tudo participou: às guerras enviou seus representantes, hoje lendários, para a música, deu expoentes, para o folclore, acrescentou lendas, para a crônica policial, criou casos famosos. E, é desta Campinas, cheia de fatos pitorescos que hoje vamos lembrar.

História

Lembrar Campinas quando ela era ainda uma densa floresta, mais conhecida como o Bairro do Mato Grosso, parece difícil, principalmente para quem a conhece hoje, como uma das cidades de maior desenvolvimento do Estado. Apesar disso, a sua história, de 206 anos, possui traços marcantes , alguns enraizados no cotidiano da cidade.

Um deles foi o fato de Campinas ter sido sede de uma aristrocacia cafeeira nas duas primeiras décadas do século, tendo assim, momentos de glória e luxo.

A sua fundação, no entanto, ocorreu quando, provocada por uma epidemia, uma expedição saiu da Vila de Piratininga para procurar a serra dos Martírios, e chegou a Campinas. O povoamento da Região campineira aconteceu, porém a partir de 1739, quando Barreto Leme chegou ao local com sua gente e formou um bairro rural. Mas foi em 1772, que os seus habitantes do bairro pediam, através de Barreto Leme, a permissão para a construção de uma capela, pois achavam que era hora de uma independência religiosa.

Logo a seguir, a 14 de julho de 1774, o Frei Antonio de Pádua, assistido pelo Frei Manoel de Santa Gertrudes Ailuar, rezava a primeira missa, inaugurando assim a capela provisória, coberta de palha. No ano seguinte, foi criado o distrito de Conceição de Campinas e em 1797, ela passou a ser Vila, com o nome de São Carlos. A sua elevação a município ocorreu somente em 1842, quando recebeu o nome de Campinas.

Monarquia

Campinas também foi o centro de algumas lutas em favor da derrubada da monarquia implantada no país por D. Pedro I. Assim, com a morte de D. Pedro I, ocorrida em 1834, e as pressões de diversas opiniões foi formada na Corte, um novo partido, o "Partido Republicano".

Isso teve repercussão também em Campinas, onde se formaram dois partidos, o dos "Farrapos" e o dos "Cascudos", formados por liberais e conservadores.

Desse movimento tomaram parte dezenas de políticos, dentre os quais se destacaram Jorge Miranda, João Quirino, Francisco Glicério, Quirino dos Santos e Campos Sales. E, pelos trabalhos desenvolvidos pelo número cada vez maior de simpatizantes às causas republicanas, Campinas foi se tornando o ponto central de todas as maquinações políticas do país. Com a queda da monarquia, em 1889, os cinco campineiros foram apontados como heróis da façanha.

Música

Como na política, Campinas tem expoentes também na música, sendo Antonio Carlos Gomes um nome recordado até hoje, devido ao grande trabalho que deixou. A sua carreira começou quando, numa república de estudantes em São Paulo, ele compôs, quase de improviso, a música para uma modinha que recebeu o nome de "Tão longe de mim distante". Como sempre acompanhava seu irmão, José em viagens, recebia inúmeros convites para executar concertos musicais, até que entrou para o Conservatório, a convite de D. Pedro II.

Aos 25 anos consegue apresentar o seu primeiro grande trabalho, a ópera "Noite no Castelo", mas foi com "Joana de Flandres" que ele ganhou uma viagem a Itália, onde continuou seus estudos. Quando compunha a isso, uma situação insustensável, a família, já arruinada, muda da cidade, mas a lenda em torno da casa continuou por muito tempo.

Crimes bárbaros

Embora a atual época seja considerada de violência, os grandes crimes sempre aconteceram, se bem que existam alguns que marcam muito. Em Campinas, um dos crimes que foi considerado bárbaro, foi perpetrado no século passado, quando a cidade possuia pouco mais de seis mil habitantes. Ele ocorreu numa fazenda, localizada entre Jundiaí e Itu, (município de Campinas) onde morreu assassinado um poderoso senhor de engenho, Luiz J. de Oliveira.

Comentava-se que, após o crime, os dois homicidas, escravos negros, apareceram com as mãos e faces manchadas de sangue e que aquilo não era ferimento algum, mas o sangue que eles tinham bebido do senhor de engenho. Esse crime só se igualou a um outro, ocorrido também na época da escravidão, quando um dos escravos, maltratado pelo capataz da fazenda, pegou uma enxada e soltou-a violentamente sobre a cabeça desse capataz, que ficou com o crânio aberto. Além desse, outros crimes, alguns de menor porte, estão registrados na história da cidade, oriundos principalmente, das fazendas.

Campinas mudou

Dos acontecimentos retratados nessa abordagem sobre Campinas, nada mais resta e mesmo outros fatos mais recentes já estão esquecidos pela maioria das pessoas, só encontrando lugar nos livros, arquivados nas bibliotecas. Mesmo os bondes, usados até poucas décadas atrás e que vagarosamente atravessavam a cidade, já são considerados como coisa do passado.

Mas é de tudo isso, de fatos antigos e novos que se constitui os 206 anos de história de Campinas, uma cidade, que, como sempre vai contribuir para criar novos expoentes musicais, vai enriquecer seu folclore, aumentar o número de lendas e continuar a ter muitos fatos pitorescos, que, certamente, tornarão menos penosas as lutas de sua população.

sua principal ópera, o "Guarani", recebeu a notícia da morte de seu pai, só vindo, portanto a apresentá la depois de dois anos, em 1870, em Milão. Além dessa, lançou outras óperas como "Salvador Rosa", "Maria Tudor", "Condor" e o "Escravo" que, no entanto, não fizeram muito sucesso. Antonio Carlos Gomes voltou, tempos depois, ao Brasil onde morreu, em setembro de 1896.

Lendas e serenatas

A história de Campinas pode ser contada de vários modos e um deles é enfocando as lendas e serenatas. As serenatas, em especial, marcaram uma época, pois foi a partir da colocação de lampiões de luz na rua que as pessoas principalmente os jovens, começaram a passear à noite, surgindo assim as serenatas. Mas, junto com as serenatas, vinha também a ira dos pais e, muitas vezes, até baldes de água, para a infelicidade dos seresteiros.

As lendas, por sua vez, fazem parte da história de muitos locais, sendo difícil encontrar alguém que nunca ouviu falar de lobisomem, mula sem cabeça ou saci pererê, o negrinho que anda numa perna só. A par disso, existem algumas histórias características de cidades e Campinas também tem as suas. Uma delas, que persistiu durante anos entre os campineiros, foi a que se criou em torno de um casarão colonial, que existiu por mais de um século na rua do Rosário, atual Francisco Glicério.

É que, segundo diziam, naquele local, residência de um dos mais ricos fazendeiros da região, havia nascido um menino com chifres e apesar dos esforços de seus pais e dos médicos, não se conseguia impedir o crescimento dos chifres na criança. E a medida que ela crescia, os chifres iam tomando forma mais definida, razão pela qual ficava trancado num dos quartos da casa. Devido

Nos prédios, o antigo convive com o novo

As palmeiras, centenárias, são parte da história de Campinas